
**Diálogo entre História oral e Análise de Discurso: elementos para compreensão do
Reisado Imperial na Bomba do Hemetério**

*Dialogue between Oral History and Discourse Analysis: elements for comprehension about
the Imperial Reisado in Bomba do Hemetério*

Jevison Cesário Santa Cruz
Aurenéia Maria de Oliveira
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Recife – Brasil

Resumo

Este trabalho é um recorte de dissertação vinculada ao programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Pernambuco, em que expõe o diálogo entre História oral e Análise de Discurso de linha francesa. Como problema central pensamos sobre como o Reisado Imperial teve significado para a educação local do bairro Bomba do Hemetério? Partindo dessa inquietação, o texto apresenta como objetivo: compartilhar os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta e análise dos dados. A partir de uma revisão de literatura direcionada, concebeu-se a história oral à elaboração/construção das entrevistas e o trato com o material coletado. Já como forma de exame dos dados colhidos, a Análise de Discurso, aplicada na busca pela identificação de ideologias que pudessem aparecer nos discursos dos entrevistados, das quais destacamos a ideologia assistencialista e a ideologia pluralista.

Palavras-chave: História oral; Análise de discurso; Reisado.

Abstract

This work is an excerpt from a dissertation linked to the post graduation program in education at the Federal University of Pernambuco, in which it exposes the dialogue between Oral History and French Discourse Analysis. As a central problem we thought about: how did the Imperial Reisado have a meaning for the local education in Bomba do Hemetério neighborhood? Starting from this concern, the text aims to share the methodological procedures used to collect and analyze the data. Based on a targeted literature review, the oral history was conceived for the elaboration/construction of the interviews and the dealing with the collected material. As a way of examining the data collected, Discourse Analysis was applied in the search for identifying ideologies that could appear in the speech of the interviewees, of which, we highlight the welfare ideology and the pluralist ideology.

Keywords: Oral history; Discourse analysis; Reisado.

1. Introdução

No final do século XIX e início do XX, dentre os vários bairros que compunham a Zona Norte da cidade do Recife, se desenhou o chamado bairro da Bomba do Hemetério. Sublinha-se, que na segunda metade do século XIX, estes bairros ainda eram formados por um ajuntamento de variados sítios, os quais eram beneficiados por uma bomba d'água cedida pela Companhia de Viação e obras que fornecia água às terras de um senhor coronel chamado: Hemetério José Veloso da Silveira.

Desse acontecimento surge a seguinte expressão popularizada na memória coletiva dos antigos moradores da comunidade: “Vamos buscar água na bomba de seu Hemetério!” Assim, o bairro passa a ser conhecido, de forma romantizada, como Bomba do Hemetério. Com o tempo, percebe-se o crescimento populacional nele, como resultado da desapropriação dos moradores dos mocambos¹ no centro do Recife, realizada pelo governo do estado; fato que ocorreu a partir da execução das discussões produzidas e disseminadas pela política do Estado Novo² na busca do desenvolvimento do país. Desse modo, nesta época, se inicia uma política de aniquilação dos mocambos no centro da capital pernambucana, cujo objetivo e justificativa se pautaram na construção de um Recife moderno que deveria se livrar de poluições existentes, dentre elas a visual, representada pela população de baixa renda (Cavalcanti, 2017).

Evidentemente que num processo de manipulação social se utiliza de tudo que se está à disposição, afinal é preciso alcançar metas. Desse modo, na busca por um novo Recife, variados artifícios, de diferentes categorias, foram empregados como: poemas, discussões políticas, palestras e uso da força policial; tais artifícios foram usados num processo gradativo, cujo clímax foi a demolição dos mocambos.

Nota-se que a proposta fora encarada de maneira ferrenha, pois, de fato, o propósito era alinhar-se com os preceitos defendidos pelo Estado Novo na idealização de um novo homem, que irrompe na instauração de uma política que evidencia o nacionalismo, a religião e a família nuclear, ratificando, assim, valores historicamente aceitos (Cavalcanti, 2017). Diante desse conjunto de circunstâncias, no processo de reconstrução do Recife, as famílias destituídas de suas casas migraram em direção à Zona Norte da cidade, indo, entre outros lugares, para o bairro da Bomba do Hemetério, em busca de moradia.

No que se diz respeito à descrição populacional do bairro, o mesmo possui 43 (hectares), cerca de 2.350 domicílios e uma população de aproximadamente 8.472 habitantes. A média de moradores por domicílio (Habitação/Domicílio) é de 3,6. Destes, 55,66% são do sexo feminino e atuam como responsáveis pela manutenção de suas residências. Subdividindo a população por raça, encontramos determinados percentuais: Cor Branca 30,37 %, Cor Preta 14,11 %, Cor Parda 54,45 %, Cor Amarela 0,86 %, Indígena 0,21%. O valor do rendimento nominal médio mensal dos domicílios é de R\$ 1.346,55 (Recife, 2010).

Diante do contexto de construção histórica do bairro, é interessante notar que nos últimos anos ele tem sido conhecido pelo menos por dois motivos: primeiro, por sua efervescência cultural e segundo, pelo turismo de base comunitária, com foco no empreendedorismo e cidadania. Assim, com "mais de sessenta grupos de manifestações de raiz" (Walmart, 2015, p. 35), tal bairro é uma mina de saberes. Observa-se que 63% (sessenta e três por cento) desses grupos foram organizados antes do ano de 2010, no entanto, alguns deles apresentam mais de cem anos de fundação.

Diante disso, nessa comunidade localizam-se, por exemplo, a Orquestra Popular da Bomba do Hemetério, o maracatu Nação Elefante (uma das nações de baque virado mais tradicionais do estado) e o Clube Carnavalesco Misto Reisado Imperial. Contudo, embora a comunidade seja conhecida internacionalmente, sua história mostra a ausência de espaços educacionais em seu território, acarretando assim no deslocamento de seus moradores para outros bairros, na busca por escolas.

Neste cenário de precariedade educacional, o Clube Carnavalesco Misto Reisado Imperial, de acordo com seu estatuto, em 1971 funda uma Escola Primária patrocinada pela Fundação Guararapes³ que funcionaria diretamente ligada ao Reisado até 1985. Entre os anos de 1986 a 1996 as dependências do Reisado se transformaram em anexo da Escola Municipal Antônio Tibúrcio, ambiente este, situado no bairro adjacente à Bomba do Hemetério, no Alto Santa Terezinha.

Diante do exposto, a pesquisa de mestrado, realizada junto ao programa de pós-graduação em educação da UFPE, trouxe como problema central: Como o Reisado Imperial teve significado para a educação local do bairro Bomba do Hemetério? Partindo dessa inquietação, o presente recorte deste trabalho, sintetizado neste texto, traz como objetivo: compartilhar os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta e análise dos dados.

2. Conceito de Reisado

Os Reisados são autos populares, ou seja, peças de teatro, aos moldes medievais, compostas por um enredo híbrido sacro-profano e uma linguagem comum aos seus ouvintes, o que lhes caracterizam como espetáculos populares (Cascardo, 2001). Representam uma herança portuguesa e podem ser encontrados em vários estados brasileiros, com mais expressividade no Nordeste.

A Folia de Reis, como também se conhece esse espetáculo da cultura popular nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, é executada pelos brincantes dos reisados, tendo seu fundamento religioso, a priori, baseado no catolicismo. A atividade cultural ganha foco no ciclo natalino, mais precisamente, às oohoomin do dia 24 de dezembro, e se estende até o dia 06 de janeiro, quando se comemora o dia dos Santos Reis com a queima da lapinha⁴, encerrando, assim, as festividades natalinas (Carneiro, 2006). Todo o movimento é produto da expressão religiosa cristã, em homenagem ao nascimento do menino Jesus.

O embasamento para essa expressão da cultura popular se encaixa no texto bíblico encontrado no evangelho de São Mateus, em seu capítulo dois, quando se narra a peregrinação dos três reis magos do oriente quando buscam conhecer o rei dos Judeus:

Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na Judéia, no tempo do Rei Herodes, alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém e perguntaram: onde está o recém-nascido rei dos judeus? Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos para prestar-lhe homenagens. [...]. Depois que ouviram o Rei, eles partiram. E a estrela, que tinham visto no Oriente, ia diante deles, até que parou no local onde o menino estava. Ao verem de novo a estrela, os magos ficaram radiantes de alegria. Quando entraram na casa, viram Maria com o menino. Ajoelharam-se diante dele, e lhe prestaram homenagem. Depois abriram seus cofres e ofereceram presentes ao menino: ouro, incenso e mirra (Bíblia, 2001, p. 949).

Já o Reisado Imperial foi fundado em Recife, pelo mestre Geraldo Almeida e registrado em 11 de janeiro de 1951. O mesmo já existia em terras paraibanas, na cidade de Serra da Raiz, todavia, por questões financeiras, esse mestre só conseguiu registrá-lo quando chegou ao Recife.

Atualmente a Instituição Reisado Imperial é administrada pelo Senhor Sérgio Almeida, filho e herdeiro cultural do mestre Geraldo Almeida. A transmissão da função é resultado da incapacidade do mestre Geraldo Almeida de continuar com a "brincadeira", devido a sua idade avançada e problemas diversos de saúde, os quais acarretaram em seu falecimento no mês de janeiro de 2020.

De acordo com relatos orais do mestre atual, a antropóloga Katarina Real, em suas peregrinações pelo nordeste brasileiro, entre os anos de 1961 a 1965, na realização de pesquisas referentes a culturas populares predominantes no território, teve contato com a exposição do reisado e ficou entusiasmada com os seus aspectos constitutivos, divididos entre músicas, danças e figurinos.

Como resultado, ela aconselhou o mestre Geraldo a não se limitar apenas a ocasião natalina, pois, sendo tão bonito, poderia também apresentar-se no período carnavalesco, pois o número de pessoas nas ruas, nessa época, é muito grande. Sendo assim, o Reisado Imperial transformou-se no Clube Carnavalesco Misto Reisado Imperial, abordando agora as seguintes manifestações populares: “[...] pastoril, coco de roda, ciranda, fandango e reisado folclórico” (Walmart, 2015, p. 71).

3. A História Oral e as Entrevistas

Nesta pesquisa compreende-se que a metodologia proposta incide sobre os resultados do trabalho. Assim, almejamos descrever o nosso percurso metodológico iniciando com a abordagem da história oral, justificando este tipo de depoimento pelo fato de se querer aprofundar conhecimentos sobre determinada realidade, através da memória de pessoas, buscando, com isso, construir uma visão mais sólida do contexto social dentro do qual elas estão inseridas.

Diante disso, é preciso colocar que a história oral, no século XIX, sofreu preconceitos e isso aconteceu pelo fato de ser considerada, por certos historiadores, sem exatidão acadêmica. Os argumentos se fundamentavam no fato de não existir escritos documentais que ratificassem o que havia sido dito pela memória oral. Contudo, ao final do século passado, ainda diante de controvérsias, seu status começa a ser alterado e essa mudança ocorre porque como recurso, ela foi se aperfeiçoando, através dos pressupostos desenvolvidos pela escola de Chicago. Para o nosso interesse de pesquisa, utilizamos a história oral se debruçando no cuidado sobre os processos de gravações, transcrições e conservação das informações coletadas por meio das entrevistas (Ferreira; Amado, 2006).

Desse modo, como prática de pesquisa, a história oral nos foi útil como método, porque valoriza o discurso dos marginalizados, invisibilizados e injustiçados socialmente, como foi o caso de nossos entrevistados. Assim, a crítica que este modelo realiza, considera a visibilidade dada a estes indivíduos. Em nosso trabalho, utilizamos a história oral, porque reconhecemos a importância dela no que refere ao valor relacionados às falas e memórias

dos mestres populares, atuantes no Reisado. Dessa forma, a memória deles foi acionada como instrumento promotor de discursos que são extraídos por meio do método da história oral e examinados pela metodologia da Análise de Discurso.

3.1 As Fontes Oraís: as entrevistas

É sabido que a utilização da história oral como aporte metodológico se utiliza de entrevistas a fim de que os objetivos propostos na investigação sejam alcançados. A vida das pessoas passa a ser considerada como uma espécie de matéria prima, ou seja, algo necessário para conceber sentido na construção de pesquisas. Seguindo este raciocínio, Thompson (1998, p. 25) aproxima a história oral a uma espécie de “autobiografia publicada”, apesar de um grande número de autobiografias publicadas registrarem as experiências vivenciadas por um grupo seletivo de indivíduos, pelo fato de possuírem algum prestígio como, por exemplo: “líderes Políticos, sociais e intelectuais” (Thompson, 1998, p. 25).

O autor ainda ressalta que os historiadores orais têm a liberdade de entrevistar a quem quiser, além de perguntar o que achar pertinente na construção dos trabalhos. Assim, “Os historiadores orais podem pensar agora como se eles próprios fossem editores: imaginar qual a evidência de que precisam, procurá-la e obtê-la” (Thompson, 1998, p. 25).

Como podemos observar, a entrevista se constitui em uma importante etapa da pesquisa. É através dela que as memórias individuais dos colaboradores serão alcançadas. Sobre isso, Meihy (1996) divide a entrevista em três momentos: o primeiro acontece através da pré-entrevista; momento em que se dão os primeiros contatos com a pessoa a ser entrevistada. Nesse instante, o pesquisador se apresenta, expõe o conteúdo da pesquisa e ressalta a sua importância para o desenvolvimento do trabalho. Seguindo este *modus operandi*, é relevante também informar ao entrevistado quem o indicou, isto é, a pessoa que sugeriu ser ele um possível colaborador nesta construção.

O segundo momento acontece através da entrevista propriamente dita. É aconselhável que um roteiro prévio seja realizado a fim de que os entrevistadores possam ter um norte a seguir. Thompson alerta sobre possíveis respostas pragmáticas que podem surgir quando se utiliza questionários ditos fechados:

Pode-se estabelecer uma diferença entre os chamados "questionários" de perguntas fechadas, cujos padrões lógicos rigidamente estruturados inibem de tal modo a memória que o “respondente” [...] fica reduzido a respostas monossilábicas, ou muito curtas; e, no outro extremo, não propriamente uma “entrevista”, mas uma conversa livre em que a “pessoa”, o “portador de

tradição”, a “testemunha”, ou o “narrador” é convidado a “falar” sobre um assunto de interesse comum (Thompson, 1998, p. 257).

Seguindo as orientações metodológicas, trabalhamos com entrevistas não diretas pelo fato de possibilitar ao entrevistado certa liberdade na construção de sua narrativa. Severino (2014, p. 77) comenta que:

Por meio delas, colhem-se informações dos sujeitos a partir do seu discurso livre. O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência, deve praticar um diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimentos suas representações.

Outro fator que merece destaque na construção das entrevistas se relaciona a má formulação das perguntas. A linguagem a ser utilizada deve ser a mesma do cotidiano dos entrevistados. Fazer uso de uma linguagem rebuscada em determinados casos não favorece o processo de comunicação, podendo até causar desconfortos para os entrevistados, uma vez que “[...] as perguntas devem ser sempre tão simples e diretas quanto possível, em linguagem comum. Nunca faça perguntas complexas ou de duplo sentido” (Thompson, 1998, p. 260).

Como recurso para gravações das entrevistas, utilizamos o gravador que compõe um dos aplicativos de celular. Com o avanço tecnológico, esta tem sido uma das maneiras mais comuns para registros audiovisuais. As autorizações para gravações das entrevistas foram previamente acordadas entre as partes. Montenegro (1994) chama a atenção a respeito do cuidado com este processo de gravação, pois, antecipadamente, o entrevistado precisa saber quem terá acesso às informações que estarão sendo coletadas.

Outros aspectos importantes a serem lembrados são referentes ao tempo de duração das entrevistas e ao local onde acontecem. Thompson observa que “[...] em circunstâncias normais, uma hora e meia ou duas horas será um tempo máximo razoável” (Thompson, 1998, p. 260). A preocupação se dá caso se entreviste pessoas idosas, pois elas podem se cansar além do normal e, assim, o processo ser comprometido.

Em nosso caso, durante a produção do projeto de pesquisa que resultou numa dissertação, tivemos um contato prévio com as pessoas e instituições que estariam envolvidas, tanto no processo de entrevistas, quanto na captação das fontes documentais. Assim, 11 (onze) pessoas participaram como as fontes orais utilizadas neste trabalho. Quanto ao critério de escolha dos sujeitos entrevistados, optamos por sujeitos que

estiveram diretamente ligados ao que seria discutido no trabalho. Retomando ao aspecto local, a entrevista deve ser feita em “[...] um lugar em que o informante se sinta à vontade. Em geral, o melhor lugar será sua própria casa” (Thompson, 1998, p. 260), contudo isto deve variar.

Uma característica importante que deve compor o perfil do entrevistador diz respeito a sua sensibilidade em ouvir e estar atento ao silêncio, pois ele também fala e “[...] falar sobre o passado pode despertar memórias dolorosas, que por sua vez, despertam sentimentos intensos que, muito fortuitamente, podem afligir um informante” (Thompson, 1998, p. 272). Acontecendo estes fatos no momento da entrevista, é importante que o entrevistador esteja atento a fim de analisar o melhor momento para retomar os trabalhos. Isto pode acontecer através de um sinal, um movimento, uma dica deixada pelo entrevistado que faça o entrevistador subentender que pode continuar (Montenegro, 1994).

O terceiro e último momento que envolve este procedimento técnico é a pós-entrevista. Nesta etapa se discute se haverá correção do texto transcrito e se haverá devolução do texto para o entrevistado realizar algum tipo de alteração; seja de retirada ou de acréscimo ao que foi dito. Porém, ao concluir a entrevista, Thompson orienta o entrevistador a continuar com um “espírito” cordial, pois:

Não saia imediatamente depois da seção de gravação. Você deve ficar um pouco, dar algo de si, e mostrar simpatia e apreço em retribuição ao que lhe foi dado. Aceite um chá se lhe oferecerem, e esteja disposto a bater papo a respeito da família e de fotografias. Esse pode ser o momento em que mais provavelmente poderão emprestar-lhe documentos (Thompson, 1998, p. 273).

4. A Análise de Discurso

De acordo com as necessidades analíticas que envolveram nosso objeto de estudo, optamos por uma metodologia que contemplasse os discursos encontrados tanto nas falas dos sujeitos quanto nas fontes ou no *corpus* documental. Logo, a Análise de Discurso (AD) na perspectiva de Eni P. Orlandi (2005) nos forneceu essa base para incursão nos discursos orais e escritos. Assim, segundo essa autora, a Análise de Discurso (AD) é herdeira de três grupos epistêmicos: a linguística, o marxismo e a psicanálise se constituindo, assim, como campo diante de lacunas encontradas nestas disciplinas.

A Linguística se desloca afirmando a não transparência da linguagem e a relação com seu exterior, isto é, o elo existente entre “linguagem/pensamento/mundo” (Orlandi,

2005, p. 19); o materialismo histórico aceita a ideia de “[...] que o homem faz história, mas esta também não lhe é transparente” (Orlandi, 2005, p. 19). Estas formulações contribuíram para que houvesse uma parceria entre língua e história no que diz respeito à produção de sentidos, o que fez chegar ao seu conceito como forma material.

A linguagem, então, deixa de ser interpretada como abstrata sendo ligada à história tornando-se, assim, linguístico-histórica. E, por fim, a psicanálise que fecha esta tríade pelo fato da língua ser interpretada como inconsciente e não apenas como estrutura, mas também como acontecimento:

Reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como o acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história. Aí entra então a contribuição da Psicanálise, com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito (Orlandi, 2005, p. 19).

Ouvir a expressão discurso nos remete à figura de indivíduos que se utilizam da palavra em meio a algum tipo de audiência. Isso pode se exemplificar através de professores, advogados, líderes religiosos, políticos, enfim, pessoas que se utilizam da língua para transmitirem algum tipo de conceito e/ou defender argumentos. Pois bem, a Análise de Discurso não entende a língua de forma abstrata como já dito, mas como estando:

[...] no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (Orlandi, 2005, p. 16).

Observe que anteriormente citamos diferentes categorias de profissionais que se utilizam da língua para socializar uma mensagem, entretanto na AD, as bases que formulam determinado discurso não estão presas à língua em sua abstração, mas estão revestidas de um caráter ideológico. É por isso que o modelo de comunicação tradicionalmente conhecido como emissor, mensagem e receptor na Análise de Discurso (AD) não se sustenta, pois a fala, entendida como discurso, não se resume a uma suposta informação. Neste caso:

A língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tão pouco eles atuam numa sequência em que primeiro um fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo, o processo de significação e não estão separados de forma estanque (Orlandi, 2005, p. 21).

Diálogo entre História oral e Análise de Discurso: elementos para compreensão do Reizado Imperial na Bomba do Hemetério

Para Orlandi, isto acontece devido à dinâmica da linguagem “[...] que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história” (Orlandi, 2005, p.21), pois o discurso é resultado dos sentidos elaborados entre os sujeitos. Um aspecto de suma importância na (AD) é o conceito de Ideologia. Esta é uma base que estrutura um dos esquecimentos estudados na (AD), a saber, o esquecimento número um, o qual também é conhecido como esquecimento ideológico. O mesmo se dá pelo fato de sermos “inocentes” ao ponto de pensar que a linguagem tem início em nós. Esquecemo-nos de que “[...] quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós” (Orlandi, 2005, p. 35).

Da junção entre língua, história e memória é que a ideologia se organiza sendo exposta pelo sujeito, através do discurso, os seus processos de formação via materialização da linguagem pela ideologia. Portanto, “[...] o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (Orlandi, 2005, p. 46).

É o que a (AD) sublinha a formação discursiva, ou seja, a produção de sentidos como resultado do pensamento ou formação ideológica. Neste aspecto, o interdiscurso, conceito relacionado à memória discursiva, é o grande responsável pela constituição desses dizeres, dentre os quais as palavras que o formam estão contidas no inconsciente: “[...] as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso e todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (Orlandi, 2005, p. 43).

Ratifica-se, então, que o interdiscurso se compreende como algo já dito ou como sentidos já expressos por alguém em determinado contexto ou momento e isto vem à tona através da memória esquecida. Observa-se, assim, que as palavras não são nossas propriedades, posto que elas são resultado da história e da língua. Já em relação ao conceito de intradiscurso, outro elemento constitutivo da AD, corresponde ao momento presente da enunciação, ou seja, “[...] aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas” (Orlandi, 2005, p. 33).

É importante frisar que para essa metodologia, a língua é opaca, sombria e incompleta, igualmente aos sujeitos e sentidos. É por esta razão que o interdiscurso é tão forte, pois “[...] ao invés de se fazer um lugar para fazer sentido, ele é pego pelos lugares (dizeres) já estabelecidos” (Orlandi, 2005, p. 54).

Assim, como dispositivo metodológico, trabalhamos com a AD, ao lado da história oral, no intuito de buscar nas falas dos entrevistados e nos documentos escritos levantados paráfrases (repetições do dizível) e polissemias (deslocamentos do dizível) relacionadas às ideologias (relações de sentido) que revelem processos educativos formais e não formais provocados pelo Reisado Imperial.

Vale salientar que a AD não se preocupa com uma busca pela “verdade”, seja do sujeito emissor da fala ou daquele que elaborou o documento escrito, pois, epistemologicamente, ela não se coaduna com a Análise de Conteúdo à medida que “[...] não procura o sentido ‘verdadeiro’, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica” (Orlandi, 2005, p. 59) e para tal, faz uso de certos dispositivos teóricos e analíticos dos quais, para esse momento, passamos a descrever sucintamente alguns destes.

4.1 Condições de Produção, Interdiscurso e Intradiscurso

As condições de produção expõem o contexto dos sujeitos, com a memória sendo um importante fator neste e deste processo. Assim na AD os contextos se classificam em Imediato, Sócio-histórico e Ideológico, com a memória estando ligada ao interdiscurso posto que, este representa aquilo que fala antes, em outro lugar e a isto a AD denomina de memória discursiva (Orlandi, 2005).

O interdiscurso desse modo é algo já dito, sentidos já ditos por alguém em determinado contexto ou momento, e isto vem à tona através da memória que aqui significa esquecimento já que nos esquecemos de onde veem nossos dizeres. Diante disso, observa-se que as palavras não são nossas propriedades, pois elas resultam da circulação na história e na língua. Enquanto o interdiscurso dar conta do circulante, o intradiscurso faz o oposto, ou seja, corresponde ao momento presente, ou seja, “[...] aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas” (Orlandi, 2005, p. 33).

4.2 Esquecimentos

Como já dito anteriormente, na AD observa-se duas formas de esquecimento: o número dois que se relaciona com a ordem da construção do enunciado, ou seja, a ideia de que o que dizemos só poderia ser dito necessariamente daquela maneira; e o número um, também conhecido como esquecimento ideológico haja vista que causa a ilusão de que o que dizemos pertence a nós. Com as características encontradas no esquecimento número

um, observa-se uma aproximação conceitual entre este tipo de esquecimento e o interdiscurso, ou seja, com o já dito.

5. Panorama das análises

No que se refere às condições de produção para a construção do *Corpus* da pesquisa, as entrevistas foram realizadas entre os meses de setembro de 2019 e janeiro de 2020. Contamos com a participação de 11 sujeitos entrevistados. As entrevistas foram realizadas em diferentes locais de acordo com a disponibilidade e particularidade de cada voluntário. Algumas entrevistas foram realizadas na residência deles, outras em lugares públicos, sendo, as referentes aos representantes do Reisado, cumpridas no próprio ambiente da instituição.

De forma geral, os questionamentos realizados nas entrevistas se voltaram para compreender as seguintes categorias: cultura e educação, cultura e renda, hibridização cultural e religiosa no Reisado, cultura popular, educação formal e educação não formal, educação na Bomba do Hemetério e as relações de força e de lugar entre as instituições envolvidas na pesquisa.

Entretanto, para a construção do presente texto, por questões de espaço e limite da escrita de um artigo, optamos por compartilhar, apenas, a análise de duas categorias, a saber - o contexto educacional da Bomba do Hemetério na década de 1980 do século passado e a educação formal e não formal.

Quadro 1: O Norte para entrevistas e análises

Temas para entrevistas	Objetivos
Contexto educacional da Bomba do Hemetério.	Conhecer através dos discursos dos moradores o processo de desenvolvimento educacional do bairro na década de 80.
O Reisado Imperial na sala de aula.	Identificar como acontecia o intercâmbio entre educação formal e educação não formal representada pela escola Antônio Tibúrcio e o Reisado Imperial na década de 80.

Fonte. A Pesquisa, 2020.

Com relação ao tema contexto educacional da Bomba do Hemetério, na década de 1980, os discursos mostram um número reduzido de instituições de ensino no bairro:

Tinha, tinha uma escolazinha, mas era muito... sacrificante para colocar os meninos, porque vaga, oxe! Era pra gente dormir lá, pra pegar uma vaga pró meninos (Moradora nº1, 2019). Não, não porque... eram poucas vagas, né?! Aí, então a gente tinha que partir pra outros bairros, pra outros setores assim do bairro (Morador nº 2, 2020).

Diante dessa realidade e considerando a alfabetização de Jovens e Adultos, através da “política de liberação”, que se baseava num agrupamento de ações cujo objetivo primitivo era oportunizar de forma rudimentar o “[...] ensino para contingentes populacionais até então excluídos da escolarização ou submetidos à permanência reduzida” (Algebaile, 2009, p. 215), uma moradora entrevistada recorda sua prática através do MOBREAL, (Movimento Brasileiro de Alfabetização), fazendo alusão a uma ideologia de cunho assistencialista que existia na política educacional, aplicada ao bairro na época.

Em Análise de Discurso (AD), a ideologia não se concebe “[...] como conjunto de representações, como visão de mundo ou como ocultação da realidade” (Orlandi, 2005, p. 48); pelo contrário, ideologia é resultado de uma construção de sentidos produzidos pela interseção entre sujeito, língua e história. Dito de outra forma: é o ajuntamento de partículas discursivas que ganham sentido pelo fato do sujeito ser influenciado tanto pela língua quanto pela história. Vejamos:

Pronto, aí saía uma equipe de duas ou três professoras pra ir pra MOBREAL porque a MOBREAL (leve Pausa) que tinha ... eles davam uma alimentaçãozinha de quinze em quinze dia, assim: uma lata de óleo, ajudava, né? Aqueles Mobral! Tinha uns que não sabiam nem o nome (Moradora nº 1, 2019).

Nota-se que como tentativa de redução do analfabetismo no país, de acordo com o recorte de discurso acima, utensílios alimentícios eram distribuídos com o fim de mascarar necessidades sociais. Quanto a isso, Algebaile (2009, p. 2017) comenta que o final da década de 1970 retoma políticas da década de 1940, pelo fato de criar programas voltados para o assistencialismo, pois a escola teria função preponderante para este funcionamento. Estas políticas, em conjunto com a “[...] educação e redução da pobreza, [...] saúde escolar, bem como nas ações de instituições e órgãos que lidavam com serviços básicos, assistência social [...]” aludiam ao imaginário popular do antigo MOBREAL.

De acordo com a segunda categoria de análise, considerando os relatos da gestora, à época, nos deparamos com a presença de uma ideologia pluralista a partir do momento em que a escola institucionalizada possibilita, nos enunciados de sua fala, um diálogo entre dois modelos de educação, ou seja, a educação formal e a educação não formal:

Seu Geraldo muitas vezes deu entrevistas, palestras, então, nessa época [...] houve uma possibilidade de fazer uma interação na comunidade, porque a gente tinha lá no alto Santa Terezinha, Antônio Tibúrcio e tinha também lá em baixo o Reisado Imperial que era um exemplo vivo de

Diálogo entre História oral e Análise de Discurso: elementos para compreensão do Reisado Imperial na Bomba do Hemetério

cultura, que a gente aproveitou muito isso. Os alunos tinham aula dentro da sala, onde muitas vezes, a gente tinha as vestimentas do Reisado Imperial. A gente tinha seu Geraldo que entrava e a gente, e proporcionava pra que ele conversasse com os alunos, então foi um momento muito rico (Diretora, 2019).

Não se pode negligenciar que a história da educação denuncia a educação formal como produtora de uma escola que valoriza uma epistemologia monocultural. Observa-se que o monoculturalismo é a antítese do multiculturalismo, pois, enquanto o segundo considera que “[...] a realidade é uma construção; as interpretações são subjetivas; os valores são relativos e o conhecimento é um fato político” (Semprini, 1999, p. 83 - 84), o primeiro defende que “[...] a realidade existe independente das relações humanas; a realidade existe independentemente da linguagem; a verdade é uma questão de precisão de representação e o conhecimento é objetivo” (Semprini, 1999, p. 85 - 86). Tais afirmações monoculturais são o discurso quase que hegemônico social.

Isto se dá pelo fato de suas declarações serem mais simples e tranquilizadoras, garantindo assim, “[...] que a verdade existe, que é possível conhecê-la, que existe uma solução para cada problema e que é a ciência quem dará tal solução” (Semprini, 1999, p. 89). Neste aspecto, o trânsito do mestre do Reisado, no ambiente escolar, compartilhando a história deste, o imaginário popular e a visualização das vestes ou figurinos, possibilitava, nos anos 80, para o estudante, um significado dentro da escola e a valorização da cultura local, que não era encontrado na escola formal, pelo fato dela ser herdeira de um pensamento excludente monocultural.

Assim, entende-se que a escola não pode ser destituída de sentido local e para tal, a utilização da cultura popular, no caso específico desta pesquisa, da cultura do Reisado Imperial, pôde contribuir, junto ao processo de significação, para o público do bairro da Bomba do Hemetério, fazendo circular sentidos e ideologias que ampliavam e em alguns casos, confrontavam os valores advindos do eixo monocultural formal, oriundo das escolas existentes na época.

6. Considerações finais

Este artigo, recorte de uma dissertação de mestrado, defendida no programa de pós-graduação em Educação da UFPE, com apoio de bolsa da Capes, propôs compartilhar os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta e análise dos dados da pesquisa. Sabe-se que a utilização adequada dos procedimentos metodológicos se constitui em

tarefa importante, que impacta no desenvolvimento dos resultados, isto é, na aplicação adequada de estratégias que potencializam o sucesso do estudo.

Nessa perspectiva, utilizamos a história oral através de autores como Thompson (1998), Montenegro (1994) e Meihy (1996) no que concerne à elaboração/construção das entrevistas e o trato com o material coletado. Como forma de exame dos dados colhidos, fizemos uso da Análise de Discurso francesa, aplicada na busca pela identificação de ideologias que pudessem aparecer nos discursos dos entrevistados, das quais para este artigo, focado nas falas sobre os anos 80 do século passado, destacamos a ideologia assistencialista e a ideologia pluralista.

Sublinha-se que o uso dos métodos da história oral e da Análise de Discurso concomitantemente nem sempre é aceito, uma vez que suas noções de sujeito são divergentes, pois, enquanto a primeira considera este como o “dono de sua fala, isto é, do seu discurso”, a segunda defende que ele não controla seu dizer, uma vez que tal dizer emerge do inconsciente circundante, por meio do interdiscurso.

Entretanto, uma maneira de possibilitar o diálogo entre eles é utilizando a história oral como estímulo ao trato da memória nas entrevistas, entendendo esta memória não apenas como conteúdo, mas, como instrumento de exame de fatos pertinentes aos objetivos do pesquisador. Por sua vez, a Análise de Discurso entremeia esta conversa, através do trabalho que desenvolve com o inconsciente que possibilita localizar e identificar ideologias que circulam no momento histórico investigado.

Referências

ALGEBAILLE, Eveline. **Escola pública e pobreza no Brasil: a ampliação para menos**. Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, 2009.

BÍBLIA, Português. **Bíblia de Estudo Plenitude**. Edição Revista e Corrigida. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996

CARNEIRO, Sarah Roberta de Oliveira. **O Reisado Senhor do Bonfim sob a ótica do espetáculo**. 2006. 196 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

CASCUDO, Luis da câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10 ed. São Paulo: Global, 2001.

Diálogo entre História oral e Análise de Discurso: elementos para compreensão do Reisado Imperial na Bomba do Hemetério

CAVALCANTI, Geane Bezerra. **Lutas e Resistência dos Moradores da Periferia da cidade do Recife (1955-1988)**. 2017. 170 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Apresentação. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

LIRA, José Tavares Correia de. A construção discursiva da casa popular no Recife (década de 30). In: **Análise Social**, 1994. p. 733-753,

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória** – a cultura popular revisitada. 3a. ed. São Paulo: contexto, 1994. p. 153.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas/SP: Pontes, 2005.

RECIFE. **Serviços para o cidadão: Bomba do Hemetério**, 2010. Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br/servico/bomba-do-hemeterio> Acesso em: 07 jul.2019.

SEMPRINI, Andreia. **Multiculturalismo**. São Paulo: Edusc, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Ed. Cortez, 2014.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WALMART, Instituto. **A transformação passa por aqui**. Recife: MXM Gráfica, 2015.

Notas

¹Traz o sentido de esconderijo, isto é, um local de acolhimento ou abrigo para escravos foragidos. A palavra demonstra uma aproximação conceitual com o quilombo. (Lira, 1994).

²Foi um golpe que aconteceu na política brasileira, em 10 de novembro de 1937, em que na época o presidente da República, Getúlio Vargas, instaurou uma ditadura, se mantendo no poder. Isso ficou conhecido como Estado Novo (Cavalcanti, 2017).

³Antiga secretaria de educação do Recife.

⁴Configura-se como uma manifestação cultural cristã, que encerra os festejos natalinos no dia de Reis. De acordo com a tradição, os devotos têm a oportunidade de queimar pequenos papéis onde escrevem petições de bênçãos para o ano que se inicia. Na queima dos papéis a fumaça sobe em direção ao Deus cristão. Em Pernambuco, é um evento que acontece em várias cidades.

Sobre os autores

Jevison Cesário Santa Cruz

Doutorando, Mestre em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Graduado em Música pela Universidade Federal de Pernambuco, Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia Integrada, Pedagogo e Professor da Educação Básica no Município de Abreu e Lima – PE.

E-mail: jevison_maestro@hotmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5694-7437>.

Aurenéa Maria de Oliveira

licenciada em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, mestre em Ciência Política e doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. É pós-doutorada pela PUC-PR, em área de concentração Antropologia Educacional e Sociologia da Religião. É professora associada da UFPE, Centro de Educação, Departamento de Fundamentos Sociofilosóficos da Educação. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE, coordenadora da linha de pesquisa Identidades e Memórias e líder do Grupo de Estudo em Religiosidades, Educação, Memórias e Sexualidades, cadastrado no CNPq. E-mail: aurenea@hotmail.com;

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1033-4015>.

Recebido em: 24/04/2024

Aceito para publicação em: 30/06/2024